

As ilhas como pontos focais no espaço das migrações: Práticas transnacionais na emigração açoriana¹

Eduardo Brito Henriques
Alina Esteves
Centro de Estudos Geográficos, IGOT-UL

Introdução: insularidade e migrações

Uma ideia muito presente nas representações mentais das ilhas, e, por extensão, também nas imagens que construímos dos povos insulares, é a do isolamento (cf., e.g., Baldacchino, 2005; Bernardie-Tahir, 2005; Hay, 2006). É de isolamento que trata afinal o tema da “ilha perdida”, tópico que desde o célebre romance de Daniel Defoe de 1719, *Robinson Crusoe*, tem sido um dos mais sugestivos e recorrentes nas geografias literárias do Ocidente, e que hoje se prossegue sob novas formas em filmes como *Lagoa Azul*, em séries como *Perdidos*, ou em concursos televisivos como *Sobreviventes* e *Ilha da Tentação*. Por razões várias, fomos habituando a pensar que as ilhas – todas as ilhas em certo grau, e muito especialmente as mais pequenas e de localização mais profundamente oceânica – estão *naturalmente* sujeitas a condições que as privam de contactos, ou que dificultam o seu “diálogo” com o mundo exterior, e que por isso as tornam menos capazes de beneficiarem das inovações que se geram “fora”. O isolamento, que descreve esse estado de privação de contactos, e que tendemos a associar à condição insular, é aliás ela mesma uma palavra que etimologicamente se associa a ilha (*insula* em latim, que depois originou *isola* nas línguas neolatinas).

A razão de ser desta associação mental que muitas vezes se estabelece entre os espaços insulares e o isolamento está essencialmente no facto das ilhas se encon-

¹ Os autores gostariam de agradecer ao Dr. Mário J. Batista da ANA – Aeroportos de Portugal, ao Dr. Paulo Teves da Direcção Regional das Comunidades (Governo Regional dos Açores) e ao geógrafo açoriano Miguel Jarimba, a ajuda prestada ao longo do trabalho de investigação.

trarem limitadas por água e de isso significar, do ponto de vista das deslocações sobre solo firme, uma descontinuidade. Se pensarmos as mobilidades humanas como mobilidades essencial ou mesmo exclusivamente terrestres, é evidente que essa relação entre ilha e isolamento faz sentido. Porém, apenas nesse caso. Se em vez disso consentirmos que as mobilidades envolvem também outros meios, e sobretudo se tivermos em conta que no passado o transporte aquático garantiu até, por comparação com o terrestre, muito maiores vantagens para as mobilidades humanas, percebe-se quão longe estará afinal de corresponder à realidade esse entendimento das ilhas como locais “naturalmente” isolados (cf. Brito Henriques, 2009).

Olhando depois com mais atenção para o papel fulcral que as ilhas foram desempenhando ao longo da história no sistema das migrações humanas, também se percebe que não será muito adequado pensá-las como locais isolados (cf. Royle, 2001; Connell, 2007). As ilhas sempre foram pontos de chegada e de partida de gente, de convergência e de divergência de fluxos de população, e portanto onde se cruzaram influências diversas. Não haveria gente nas ilhas se não tivesse havido previamente uma história de colonização, e a colonização é em si mesmo um processo que envolve movimentações de pessoas e de ideias, com transposições para novos ambientes de elementos da cultura material e imaterial dos locais de origem, ou seja, mobilidades em sentido lato. Por outro lado, as ilhas parecem ter sido também desde sempre focos importantes de origem de fluxos migratórios. Encontramos evidências históricas antigas disso nas ilhas escandinavas do Báltico, de onde saíram muitos dos vikings que nos séculos IX e X foram colonizar a Normandia, as Ilhas Britânicas, a Islândia e a Gronelândia, e muito mais recentemente, entre o último quartel do século XIX e o primeiro do século XX, tivemos importantes comunidades de gregos do Egeu, de sicilianos e de malteses que se estabeleceram na costa ocidental dos EUA, no Brasil e na Argentina, e até na Austrália.

As ilhas, como diz J. Connell (2007: 455), parecem estar aliás entre os territórios com uma “cultura de emigração” mais forte. É comum os espaços insulares possuírem pirâmides etárias marcadas pelo “estrangulamento” dos grupos etários correspondente aos jovens activos, assim como economias fortemente dependentes das remessas dos emigrantes, e esses factos constituem provas da estreita relação que há entre os espaços insulares e as migrações. Casos clássicos disso encontram-se nas Caraíbas ou nas ilhas do Pacífico, onde muitos estados correspondem ao que G. Bertram e R. Watters (1985) conceptualizaram como economias MIRAB, ou seja, territórios com uma base económica e uma organização social estruturalmente modeladas por quatro vectores essenciais: migração (*Migration*), remessas (*Remittances*), ajuda exterior (*Aid*), e burocracia (*Bureaucracy*).



Atendendo ao que se disse, haverá talvez algum sentido em considerar que os espaços insulares parecem apresentar uma especial propensão para gerarem emigração. A explicação para tal tem sido sobretudo encontrada na escassez de recursos, que se acredita ser mais pronunciada nas ilhas, que são espaços limitados, e onde há por isso, senão maiores dificuldades em comportar grandes pressões demográficas, pelo menos uma percepção mais evidente da finitude dos meios. A emigração funcionaria então, à luz desta perspectiva, como uma “válvula de escape” inevitável para as ilhas, ou, dito noutros termos, um imprescindível “mecanismo de ajustamento económico” (cf. Royle, 2001).

Não haverá certamente outra forma de entender por que a emigração parece ter sido sempre tão importante na história das ilhas se partirmos ainda e mais uma vez da ideia da ilha como local isolado. Se a isso porém contrapusermos uma imagem alternativa, que é a da ilha como ponto focal, ou seja, como local onde convergem e se cruzam fluxos, o que é possível se virmos os mares não como vazios humanos mas sim como “áreas de circulação”, ou como espaços abertos à deslocação, levantam-se outras possibilidades de explicação para a relação entre a insularidade e as migrações. Apreendido o mar desta perspectiva, as ilhas deixarão de ser vistas como locais isolados e passarão a poder ser entendidas como locais beneficiados de invulgares condições de conectividade e de abertura ao exterior. Na verdade, isto faz sentido se pensarmos que as ilhas sempre foram beneficiadas pelas acessibilidades marítimas. Elas representavam no passado para a circulação nos oceanos o que os oásis significavam para a circulação nos desertos – abrigo e pontos de apoio para eventuais operações de reparação e reabastecimento –, e isso explica que feixes de fluxos provenientes de diferentes pontos tendessem a convergir nas ilhas e delas irradiassem depois novamente para diferentes destinos. Essa elevada focalidade terá criado oportunidades de saída para as populações das ilhas que outros locais não conheceram, e essa é uma outra razão passível de explicar a propensão que estes espaços parecem ter para a geração de emigração (cf. Brito Henriques, 2009).

O objectivo deste texto é o de procurar fazer uma outra leitura da emigração açoriana e da inserção dos Açores no sistema migratório global, pensada não a partir da velha perspectiva “ecológica”, mas desta perspectiva topológica, que insiste sobretudo nas vantagens da focalidade insular e a vê como uma oportunidade que as populações das ilhas terão aproveitado para desenvolver “culturas de emigração” fortes e activas. Finalmente, é objectivo deste estudo mostrar ainda que tal como a emigração insular terá sido em grande parte potenciada pela focalidade das ilhas, também essa focalidade insular é hoje reafirmada e actualizada por intermédio da emigração, que deu origem a comunidade transnacionais que sustentam a integração desses lugares no espaço global.

A focalidade dos Açores e a formação da diáspora açoriana

A posição geográfica dos Açores, sensivelmente no centro do Atlântico Norte, quase a meia distância entre a Europa e a América, pode ser assumida tanto como uma expressão de perifricidade, como de centralidade, dependendo do ponto de vista que se assume. Se o olharmos a partir da Europa, é um arquipélago remoto, perdido algures na imensidão do Atlântico. Porém, se reconhecermos que o mundo não se reduz à Europa, e se adoptarmos em vez dessa escala de análise um escopo mais largo, os Açores aparecem como ilhas beneficiadas por uma localização que se pode considerar bastante central no contexto desse que sempre foi, desde o século XVI ao século XX, o mais frequentado oceano do mundo.

Durante o tempo da navegação à vela, os Açores foram um ponto fundamental na articulação da Europa com a costa africana, as Américas, e mesmo o Índico. Se é verdade que para sair da Península e para avançar para sul os alísios ajudavam, na viagem de regresso sopravam como ventos contrários, e as naus eram obrigadas por isso a fazer uma rota em arco largo, derivando numa primeira fase para noroeste, e só depois curvando para leste. Esse arco tinha de ser tão mais largo quanto mais de sul se viesse, e foi isso que fez com que os Açores se tivessem tornado em pontos de apoio de grande importância estratégica para as caravelas que vinham de África e da “volta da Índia”, carregadas de mercadorias. Convertidos em pontos de apoio importantes depois de longos meses de viagem no mar, numa altura em que as tripulações já estavam cansadas e as naus precisavam de reparações, os portos açorianos tornaram-se locais animados, onde marinheiros, soldados e aventureiros de toda a espécie se reuniam para ganhar fôlego antes da última longa tirada até à Europa.

Consequência evidente dessa focalidade que os Açores cedo ganharam na história é o facto de serem originários destas ilhas muitos dos que, logo no século XVII, foram colonizar o Brasil (cf. Medeiros, 2005). Enquanto durou a navegação à vela, as vantagens locativas das ilhas açorianas mantiveram-se praticamente incólumes. No século XIX, com o advento dos vapores, os Açores deixaram de estar na rota inevitável de quem regressava à Europa provindo do hemisfério sul, mas em contrapartida viram criar-se para elas novas oportunidades ligadas às modernas telecomunicações e à navegação aérea. Os Açores assumiram então um novo protagonismo, desta feita na conexão da Europa com a América do Norte, ou seja, na articulação dos dois principais centros de comando da economia mundial. O primeiro cabo submarino foi amarrado no porto da Horta em 1893, e em pouco tempo o Faial converteu-se num importante nó da rede de telecomunicações internacional, o que por alturas da I Guerra Mundial chegou a fazer com que a Horta tivesse sido palco de histórias de espionagem envolvendo ingleses e alemães.



O arquipélago foi também um ponto de apoio fundamental para as viagens no Atlântico Norte nos primeiros tempos da aviação, quando a autonomia das aeronaves era muito mais limitada que hoje. Papel especialmente relevante foi exercido mais uma vez pela Horta. Esta serviu como porto de amaragem à primeira travessia do Atlântico em hidroavião, em 1919, e, a partir dos anos 30, quando se iniciam as carreiras comerciais regulares da Pan Am para a Europa, converteu-se numa escala obrigatória na viagem de Londres para Nova Iorque, que então demorava quase 48 horas. Depois da II Guerra Mundial, quando os hidroaviões foram substituídos pelos aviões, as ilhas de Santa Maria e Terceira vieram substituir o Faial nessa função de aeroporto de escala, confirmando e continuando o valor focal do arquipélago nas redes de comunicações e transporte de nível global.

A história do arquipélago açoriano e da sua gente é profundamente marcada por movimentos migratórios que tiveram grande impacto na estrutura e evolução da população. Os fluxos inter-ilhas, por um lado, mas também para o Continente e para o exterior, constituem uma característica estruturante da sociedade e cultura açorianas. A literatura costuma salientar sobretudo as causas ‘ecológicas’ para justificar essa história antiga de emigração. Por um lado, alegam-se questões de sobrevivência económica, onde o sistema arcaizante e rígido de posse da propriedade fundiária baseado na enfiteuse perpetuava ciclos de pobreza no seio de famílias que não possuíam terra (Ribeiro de Medeiros e Madeira, 2003). Por outro lado, argumenta-se que o crescimento populacional das ilhas não encontrava resposta suficiente na produção agrícola, criando-se desse modo um “excedente” de habitantes disponíveis para partir (Williams e Fonseca, 1999). Tudo isso, porém, será insuficiente para explicar a forte ‘cultura de emigração’ que se gerou nos Açores; a essas razões, que remetem mais directamente para uma ‘necessidade’ de partir, deve juntar-se depois ainda o facto de, por causa da referida focalidade insular, também haver nas ilhas especiais ‘oportunidades’ de saída, o que assim, historicamente, sempre terá funcionado como um factor a favor da geração de importantes fluxos emigratórios (cf. Brito Henriques, 2009).

Os primeiros movimentos migratórios documentados datam do século XVI, pouco depois do início da colonização do arquipélago atlântico e intensificaram-se nos séculos XVIII e XIX com saídas muito volumosas para o Brasil, Havai e Estados Unidos, em momentos e circunstâncias diferentes. Actualmente, as principais e mais dinâmicas comunidades da diáspora açoriana encontram-se nos EUA, principalmente nos estados de Rhode Island, Nova Jérсия e Massachusetts na costa Leste, onde os açorianos chegaram nos séculos XVIII e XIX como membros das tripulações de navios baleeiros que faziam escala no arquipélago na sua rota para a Nova Inglaterra. Quando o negócio da pesca e da caça à baleia

entrou em declínio, os portugueses e as suas famílias, que entretanto se lhes tinham juntado, passaram a incorporar a massa de trabalhadores da indústria têxtil que floresceu em Fall River e New Bedford, ou do vestuário nos estados de Connecticut e Nova Jérсия (Santos, 1995). Na costa do Pacífico, é nos Vales de San Joaquim e de Sacramento que se encontram as mais significantes comunidades, onde desde cedo os açorianos se dedicaram à produção leiteira, frutícola e de vegetais, inicialmente como assalariados e mais tarde como produtores (Teixeira, 2009). Houve igualmente uma presença fugaz de portugueses, com grande peso de açorianos, nas áreas de extracção de ouro da Califórnia².

No Canadá, destino de imigração a partir de 1953, após a celebração de um protocolo entre os dois países para a contratação de trabalhadores pouco qualificados (essencialmente para os caminhos de ferros e agricultura), a presença portuguesa é particularmente relevante nas províncias do Ontário e Quebeque, principalmente nas aglomerações urbanas de Toronto, Montreal, Vancouver, Winnipeg e Edmonton (Williams e Fonseca, 1999; Hawkins, 1988; Teixeira e Da Rosa, 2009).

Apesar de muito menos relevante ao longo do século XX, o Brasil foi no século XVIII e na primeira metade do século XIX, o principal destino de milhares de açorianos que povoaram os estados do Pará, Maranhão, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, num processo patrocinado e controlado pela Coroa³. Este fluxo foi diminuindo gradualmente à medida que outros destinos, como a América do Norte, o Havai ou as Bermudas se tornavam mais atraentes (Ribeiro de Medeiros e Madeira, 2004; Rocha *et al.*, 2006).

Incorporando inicialmente as tripulações dos navios baleeiros, muitos açorianos, procuraram fortuna no arquipélago do Havai, onde a partir de finais do século XIX, a cultura intensiva da cana do açúcar se tornou o modo de subsistência mais frequente⁴. Outro conjunto de ilhas que recebeu grande volume de emigrantes dos Açores a partir de 1960, nomeadamente de naturais da ilha de São Miguel, é o arquipélago das Bermudas, no Oceano Atlântico. Este território sob administração britânica tornou-se desde 2001 o principal destino dos açorianos que exercem profissões nos ramos da hotelaria, restauração, carpintaria e jardinagem (Direcção Regional das Comunidades, 2009)⁵.

2 Segundo Santos (1995), entre 1860 e 1880 o número de portugueses na Califórnia passou de 1 717 para 13 159, muitos dos quais na mineração do ouro nos condados de Sacramento, Trinity e Mariposa.

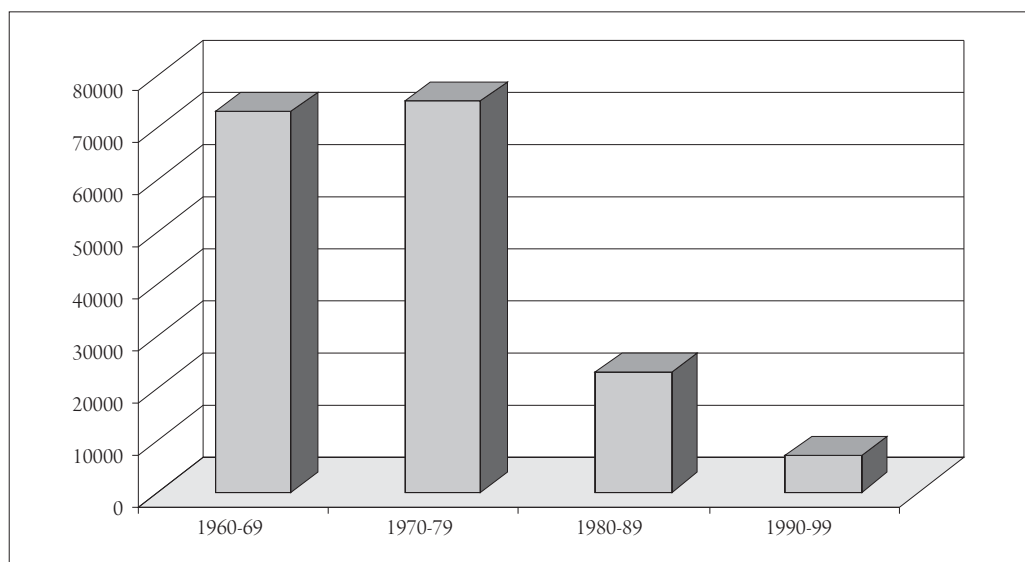
3 Segundo Ribeiro de Medeiros e Madeira (2004), entre 1815 e 1930, saíram de Portugal aproximadamente 1,8 milhões de pessoas, na sua maioria para o Brasil.

4 Citando fontes documentais da época, Silva (1996) refere que a comunidade portuguesa no Havai em 1910, composta essencialmente por açorianos e madeirenses, ascendia a 22 300 pessoas, representando mais de um décimo da população total do arquipélago.

5 Segundo informação do Governo Regional, entre 2001 e 2008, partiram para o arquipélago das Bermudas 1952 açorianos.

Este êxodo açoriano foi registando ao longo do tempo ritmos e circunstâncias diferentes, que podemos tentar sistematizar. Segundo Ribeiro de Medeiros e Madeira (2004), a emigração do arquipélago ao longo do século XX pode dividir-se em quatro grandes períodos. O primeiro estende-se do último quartel do século XIX ao primeiro quartel do século XX, e caracteriza-se por grande volume de saídas individuais para os EUA. O segundo vai do final do período anterior até aos anos 50, em que as restrições impostas pelas autoridades americanas, nomeadamente as leis de 1921, 1924 e 1952 que estabeleciam quotas de imigrantes por origens geográficas, reduziram muito o número de chegadas (Martin e Midgley, 1999)⁶. Entre meados da década de 50 e o princípio dos anos 80 (terceiro período), as saídas voltaram a retomar o seu vigor pela conjugação de vários factores, entre os quais há a destacar a celebração de um acordo com o Canadá em 1953 para a contratação de trabalhadores e a alteração das leis americanas que regulavam a recepção de imigrantes em 1965⁷. De resto, já anteriormente os EUA tinham emitido legislação específica permitindo a entrada de açorianos afectados pelas erupções na ilha do Faial (1957) e pelas crises sísmicas na ilha de São Jorge (1964). Assim, durante a década de 60 registou-se uma saída média anual de 7256 emigrantes, enquanto no decénio seguinte o valor médio por ano ascendeu a 7556 emigrantes (Ribeiro de Medeiros e Madeira, 2003) – Fig. 1.

Fig. 1 – Emigração açoriana por décadas, 1960-1999



Fonte: Ribeiro de Medeiros e Madeira (2003).

6 Segundo este critério, os naturais de países da Europa Ocidental tinham entrada preferencial comparativamente aos emigrantes da Europa do Sul ou de outros continentes.

7 A aprovação do *Hart Cellar Act* nos EUA veio abolir o sistema de quotas, dando preferência à imigração baseada na reunificação familiar.

O quarto e último período reporta-se aos últimos anos do século XX, caracterizado por um baixo volume de saídas motivado pela alteração da lei de imigração canadiana em 1973, que tornou o processo mais selectivo (Teixeira e Da Rosa, 2009; Hawkins, 1977). Como referem Ribeiro de Medeiros e Madeira (2003), numa época em que se vive a terceira revolução industrial, as entidades empregadoras da Costa Leste americana e canadiana ou da Califórnia preferem trabalhadores mais qualificados do que os que habitualmente partem dos Açores em demanda destas paragens. Por outro lado, terá havido também alterações ao nível das motivações para partir: o desenvolvimento e progresso económico desta Região Autónoma, principalmente após a adesão de Portugal à União Europeia, e o aumento da escolaridade obrigatória influenciam o desejo de permanecer no arquipélago, pois os jovens têm maiores expectativas de sucesso profissional sem sair das ilhas (Fonseca, 1994).

Segundo alguns autores (Fonseca, 1994; Williams e Fonseca, 1999), a emigração açoriana do século XX apresenta duas características interessantes. A primeira está relacionada com a dimensão do arquipélago e os níveis de saída, na medida em que uma região cujo peso demográfico no país é pequeno conseguiu manter volumes de emigração relativamente elevados no contexto nacional. Este facto foi possível graças ao elevado grau de estruturação das comunidades na diáspora que conseguiram empregar as diversas vagas migratórias que iam chegando. O segundo aspecto prende-se com o destino dos emigrantes, na medida em que a emigração açoriana se orientou quase exclusivamente para a América do Norte, não participando nos fluxos para os países europeus que captaram os portugueses do Continente.

Transnacionalismo e práticas transnacionais nos Açores do início do séc. XXI

Uma das abordagens mais frequentemente usada na análise das migrações internacionais confere particular relevo às ligações que as comunidades imigrantes mantêm com os seus países de origem ou com outros espaços fora das fronteiras dos Estados onde residem (Itzigsohn *et al.*, 1999; Portes, 1999; Castles, 2005). Segundo as autoras pioneiras deste tipo de estudos, o transnacionalismo é “... um processo pelo qual os transmigrantes⁸, mediante as suas actividades quotidianas, forjam e mantêm relações sociais, económicas e políticas a vários

8 Transmigrantes são indivíduos envolvidos em práticas migratórias transnacionais, isto é, mantêm e desenvolvem relações de carácter familiar, económico, social, religioso ou político que ultrapassam fronteiras.

níveis que ligam as suas sociedades de origem e de acolhimento, e através das quais criam campos transnacionais que cruzam fronteiras nacionais” (Basch, Glick Schiller e Blanc-Szanton, 1994, citadas por Portes, 2006, p. 203). Apesar de não ser um fenómeno novo, o transnacionalismo é um processo apoiado na premissa de que as ligações entre os imigrantes e as suas terras de origem são mais intensas e frequentes do que eram anteriormente, não apenas devido ao custo mais baixo dos transportes aéreos e das telecomunicações em tempo real, mas também pela facilidade de acesso às mesmas. Estes meios tecnológicos permitem aos imigrantes manter práticas e identidades colectivas alimentadas por fortes e frequentes ligações entre a origem e o destino (Vertovec, 2001; Malheiros, 2001; United Nations, 2006).

Estas conexões revestem diversas formas, e segundo alguns autores (e.g., Sklair, 1998; Itzigsohn, 2008), as práticas transnacionais podem funcionar em três esferas distintas: política, que tem que ver com a participação passiva e activa em acções e o desempenho de cargos políticos nos países de origem e acolhimento, económica, e cultural-ideológica, também designada de social⁹. Assim, se alguns autores centram a sua análise das práticas transnacionais nas redes e teias de relações sociais que se constroem entre países emissores e de acolhimento (Basch, Glick Schiller e Blanc-Szanton, 1994; Guarnizo, 1994; Levitt, 1998, referidos por Itzigsohn *et al.*, 1999), outros focam mais atentamente os aspectos económicos associados às remessas ou aos imigrantes que operam negócios na origem e no destino apoiados nessas ligações transnacionais (Itzigsohn, 2000; Portes, Guarnizo e Landolt, 1999), e outros ainda conferem particular atenção às questões da participação política dos transmigrantes (Smith, 1995, referido por Portes, Guarnizo e Landolt, 1999).

Nem todos os imigrantes se envolvem em actividades transnacionais e os que o fazem, não o praticam permanentemente. Pode inclusivamente dizer-se que a maior parte dos imigrantes são “activistas ocasionais” do transnacionalismo, envolvendo-se nas práticas transnacionais mais convenientes num determinado momento das suas vidas (Levitt, 2004). Apesar desta irregularidade, é importante conhecer as práticas transnacionais uma vez que contribuem para modificar não só as regiões de acolhimento, mas também as emissoras. Como referem Levitt e Nyberg-Sørensen (2004), as transformações ocorridas nos locais de origem constituem uma das questões centrais do transnacionalismo e prendem-se com os efeitos das migrações junto dos que não partem, mas que estão expostos

9 Autores como Faist (2000) estruturam os espaços transnacionais sociais segundo três formas diferentes: reciprocidade transnacional com base em laços de parentesco, circuitos transnacionais caracterizados pela constante circulação de pessoas, bens e informação, e comunidades transnacionais em que os emigrantes e os que não partem permanecem ligados por laços sociais e simbólicos densos e fortes.

aos constantes fluxos das remessas económicas e sociais. Não são apenas as transferências monetárias que permitem o sustento de familiares, a educação dos filhos ou a abertura de um pequeno negócio; também os valores sociais e modos de pensar são importados e ajudam por isso a manter formas de vida que atravessam fronteiras.

Manifestações de transnacionalismo económico

A questão das remessas dos emigrantes é um dos tópicos de transnacionalismo económico mais frequentemente analisado por políticos, agentes económicos e cientistas sociais devido às implicações a prazo resultantes da aplicação das verbas. Não menosprezando os impactos negativos associados à dependência das remessas, vários autores apontam os efeitos multiplicadores positivos indirectos na produção e no rendimento das regiões beneficiadas, permitindo a um maior leque de pessoas usufruírem indirectamente destes capitais (Vertovec, 2009; Levitt e Nyberg-Sørensen, 2004). O debate gira assim em torno das formas mais adequadas de rendibilizar os depósitos recebidos no país de origem, de modo a beneficiar não apenas as famílias dos emigrados, mas também a economia nacional (Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais, 2005; The World Bank, 2006; United Nations, 2006). No caso de Portugal, as transferências dos emigrantes têm tido historicamente grande relevância ao nível do equilíbrio da balança de pagamentos, e apesar dos níveis de emigração serem hoje muito menores comparativamente às décadas de 60 e 70, as remessas ascendiam ainda a 3,2 mil milhões de dólares em 2004, o que colocava o país na 16ª posição a nível mundial dos maiores beneficiários de remessas (The World Bank, 2006). O envio de poupanças para o país de origem pode assumir diversos graus de formalidade¹⁰, mas tem sido agilizado pelos meios tecnológicos do *e-banking* oferecidos pelas instituições bancárias, e pela banalização das agências de transferências de valores, algumas das quais, funcionando em articulação com delegações dos correios ou com bancos, conseguem ter uma abrangência mundial. A aquisição de bens de raiz ou o investimento num negócio no país de origem são também exemplos do envolvimento económico dos transmigrantes, essenciais para a reprodução social de muitos agregados domésticos (Vertovec, 2009; Faist, 2000).

É importante analisar os montantes de remessas enviadas pelos emigrantes para conhecermos a forma como os Açores participam nesse domínio

10 Em alguns países do mundo, uma parte substancial das remessas são enviadas de modo informal para as famílias (80% no caso do Uganda, 54% no Bangladesh, 47% na Moldávia) – The World Bank, 2006.

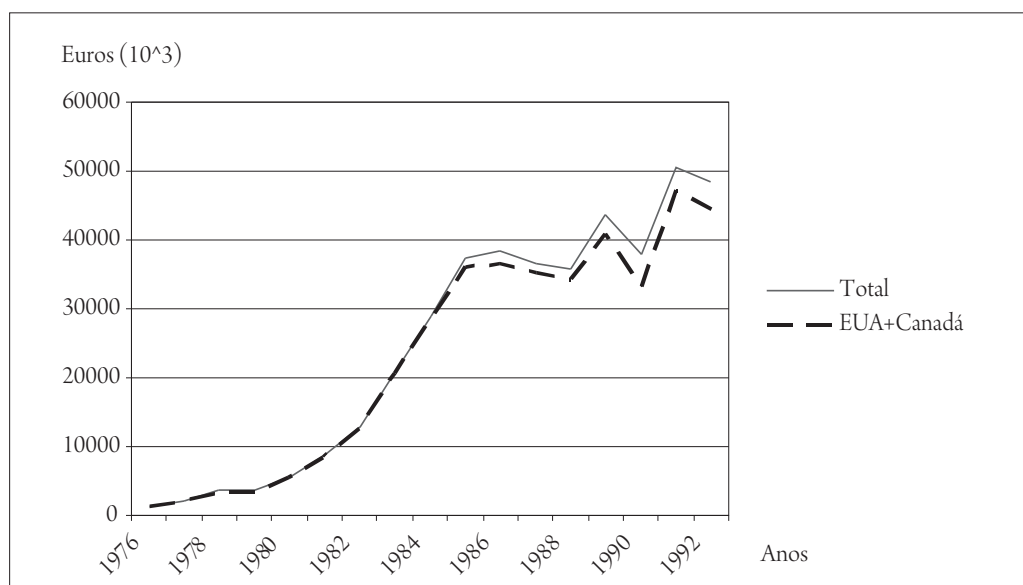
dos fluxos económicos transnacionais. Até 1992, isso pode ser estudado com alguma facilidade, uma vez que os dados fornecidos pelo Banco de Portugal se encontram desagregados por Continente e ilhas. Assim, se observarmos a evolução das remessas que chegaram aos Açores entre 1976 e 1992, constatamos que a tendência foi de aumento gradual até 1986, a que se seguiu um período de estabilização até 1989, e, finalmente, um último de crescimento muito irregular até 1992 (Fig. 2). Verificamos também que em quase todos os anos, entre 1976 e 1992, os envios dos EUA e Canadá representaram mais de 90% das remessas chegadas ao arquipélago, o que é consonante com a importância das comunidades emigradas nesses países. A partir de 1993 os dados deixam de estar desagregados por Continente e ilhas, de modo que passa a ser impossível acompanhar com rigor a evolução das remessas para os Açores. Porém, se atendermos à forte relação que há entre as remessas provenientes da América do Norte e as remessas destinadas ao arquipélago, podemos fazer uma ideia do que se terá passado nos Açores seguindo a evolução das remessas enviadas para o país a partir dos EUA e do Canadá. Esses dados sugerem que a tendência dos últimos anos terá sido de redução. Na verdade, para além do valor absoluto das remessas chegadas a Portugal a partir da América do Norte ser decrescente (quase 600 milhões de Euros em 2000, contra 230 milhões de Euros em 2008), ele representa uma proporção cada vez menor do total de remessas enviadas pelos portugueses residentes no estrangeiro (17,0% em 2000 e 9,2% em 2008). Na origem disso está certamente o amadurecimento da comunidade portuguesa residente nestes países, com consequência numa menor propensão para a realização de depósitos no país natal. O envelhecimento das comunidades emigradas e o reduzido rejuvenescimento com novas chegadas contribui para explicar a redução de envios monetários para o país de origem, pois as segundas gerações organizam as suas vidas quotidianas nos países onde nasceram ou cresceram, efectuando aí os investimentos a curto e médio prazo e não considerando prioritário o envio de remessas (Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais, 2005)¹¹.

Os dados de que dispomos demonstram, em suma, que nas décadas de 80 e 90 os fluxos económicos associados às remessas dos emigrantes foram um importante suporte da economia açoriana; basta ver que em meados dos anos 80, o dinheiro enviado para as ilhas pelas suas populações na diáspora ascendia a quase 40 milhões de Euros por ano, e em princípios dos anos 90 a 50 milhões de Euros. Hoje em dia, tanto quanto os números permitem saber,

11 A questão da manutenção de práticas transnacionais entre os elementos das segundas gerações é fonte de intenso debate entre diversos autores (Boyd e Yiu, sem data; Levitt e Waters, 2002 citadas por Boyd e Yiu; Vertovec, 2009; Portes, 2006).

as remessas não serão já dessa ordem, ao mesmo tempo que o seu peso relativo na riqueza da região será também já bastante menor. Depreende-se daqui que a dimensão económica talvez já não seja no presente aquilo que melhor traduz a inclusão dos Açores num espaço de práticas transnacionais. Não obstante, apesar dos valores para os Açores aparentarem algum decréscimo, é um facto que as remessas representam ainda para muitas famílias uma fonte de rendimento essencial, permitindo não só satisfazer necessidades básicas diárias de consumo, mas também a concretização de investimentos familiares mais avultados, como a aquisição de propriedades, a construção de uma habitação ou a abertura de um negócio¹².

Fig. 2 – Remessas dos emigrantes portugueses para os Açores, 1976-1992



Fonte: Estatísticas Monetárias e Financeiras (diversos anos), INE; Banco de Portugal (dados disponíveis em <http://www.bportugal.pt/>).

Manifestações de transnacionalismo social e cultural

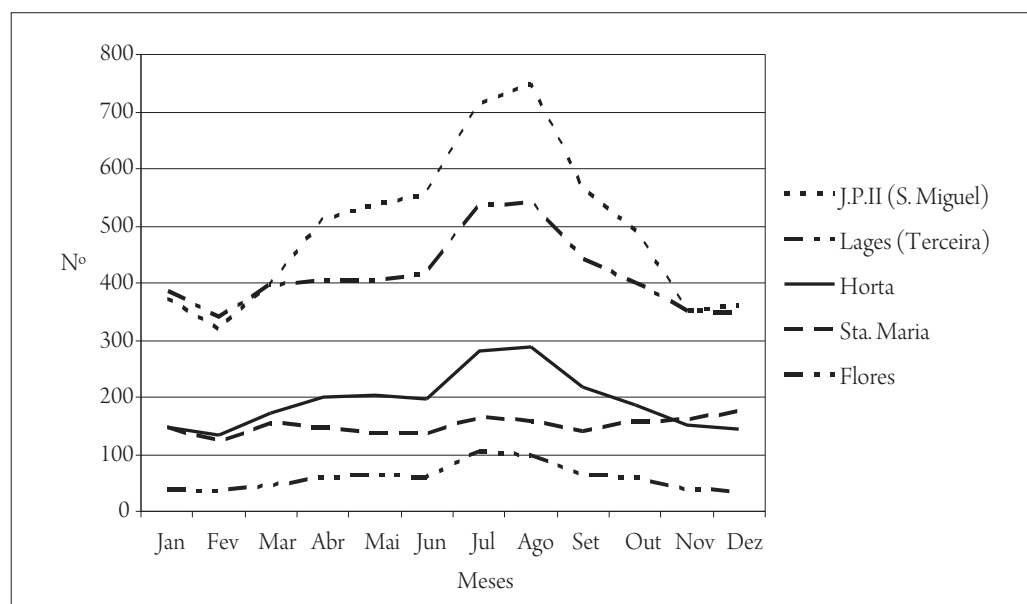
A organização de eventos para recolha de fundos a investir na terra natal, assim como as visitas frequentes aos familiares e amigos, os contactos por telefone, internet ou os canais de televisão por cabo ou satélite, bem como a participação em actividades religiosas, são exemplos de práticas transnacionais que promovem as redes sociais de carácter cultural-ideológico de nível supra-

12 Em 2005, o Governo Regional dos Açores anunciou junto das comunidades açorianas emigradas a existência de 60 milhões de Euros de incentivos ao investimento no arquipélago, salientando as vantagens da estabilidade política, económica e social das ilhas para o investimento privado (Fonte: *A União*, 10 de Maio de 2005, página 5; disponível em: http://213.58.174.66/arquivo/252_1/00000102.pdf).

nacional reforçando as ligações à distância (Malheiros, 2001; Vertovec, 2009; Itzigsohn, 2008). O aumento da acessibilidade dos migrantes internacionais e suas famílias a estes meios, por via da redução dos custos e maior frequência dos serviços, tem sido essencial para a manutenção das redes sociais.

Todos os anos, os Açores recebem um grande volume de visitantes oriundos dos mais diversos pontos do globo, que procuram no arquipélago o reencontro com a família, participando activamente nas celebrações sagradas e profanas com grande tradição nas ilhas¹³, ou simplesmente aproveitando o bom tempo de férias ou lazer. Por isso, as chegadas de aeronaves concentram-se nos períodos da Primavera e Verão, momentos do ano em que ocorre uma grande concentração de festividades (um ciclo que se inicia com a Páscoa), e depois, em muito menor escala, no período do Natal (Fig. 3).

Fig. 3 – Aterragens de aeronaves nos 5 principais aeroportos dos Açores, por meses, 2007



Fonte: ANA.

Se considerarmos apenas o aeroporto João Paulo II, o mais internacional e com maior volume de tráfego dos 5 existentes no arquipélago¹⁴, chegaram em 2007, 101 mil passageiros oriundos de aeroportos não portugueses¹⁵.

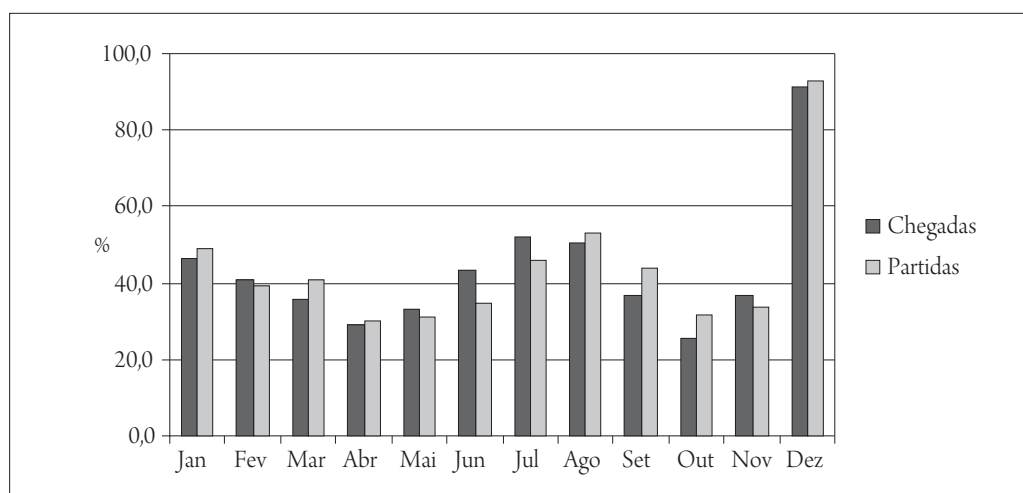
13 Algumas das festas que atraem mais visitantes ao arquipélago são as Festas do Divino Espírito Santo que se iniciam no Domingo de Pentecostes e se prolongam até ao Verão em todas as ilhas, a Festa do Senhor Santo Cristo dos Milagres no 5º Domingo após a Páscoa (ilha de São Miguel), Festas Sanjoaninas em Junho (ilhas Terceira e das Flores), a Festa do Emigrante em Julho (ilha das Flores), as Cavalcadas de São Pedro em Junho e o Senhor da Pedra em Agosto (ilha de São Miguel), a Semana do Mar em Agosto (ilha do Faial), Semana dos Baleeiros em Agosto (ilha do Pico), e o Festival da Maré em Agosto (ilha de Santa Maria).

14 Existem igualmente 5 aeródromos nos Açores.

15 Este aeroporto recebeu em 2007, um total de 462 500 passageiros vindos de aeroportos portugueses e estrangeiros.

De entre estes, os passageiros vindos de aeroportos americanos e canadianos representaram 42,7% do total anual, alcançando valores da ordem dos 90% no mês de Dezembro e superiores a 50% em Julho e Agosto (Fig. 4). As partidas registaram valores absolutos e relativos muito semelhantes, reflectindo as fortes ligações entre as ilhas açorianas e a diáspora no continente norte-americano que se desloca à terra natal para partilhar com a família e amigos os principais momentos festivos do ano.

Fig. 4 – Passageiros dos EUA e Canadá no total de passageiros: chegadas e partidas ao/do aeroporto João Paulo II (ilha de São Miguel) por meses, 2007 (%)



Fonte: ANA.

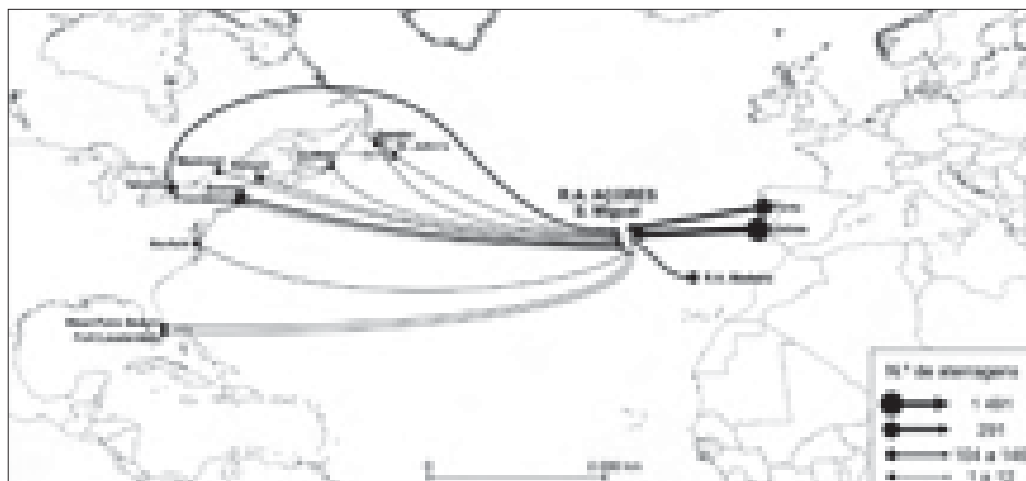
Dentro dos EUA e Canadá, as origens geográficas das aeronaves que aterram em São Miguel concentram-se na costa Leste, onde residem vastas comunidades de portugueses naturais ou descendentes dos Açores: Toronto, Montreal, Sydney (Nova Escócia), Gander e St. John's (Terra Nova e Labrador) no Canadá, e Boston (Massachussets), Providence (Rhode Island) e Bangor (Maine) nos EUA (Fig. 5). Não são aqui visíveis voos provenientes da costa Oeste, pelo muito reduzido número de voos directos da Califórnia para os Açores. Os passageiros oriundos da costa do Pacífico têm na sua maioria de fazer escala nos aeroportos da costa atlântica, antes de conseguirem chegar às ilhas¹⁶.

O volume de passageiros desembarcados reflecte, em larga medida, as origens geográficas dos principais voos. Para além dos aeroportos portugueses do continente e da Região Autónoma da Madeira, que incluem passageiros portugueses e estrangeiros, sem voos directos das suas cidades, os visitantes que chegam ao arquipélago provêm maioritariamente de aeroportos localizados

16 Existe um voo directo semanal da SATA a partir do aeroporto de Oakland (Califórnia) para a ilha Terceira, entre Junho e a primeira semana de Outubro.

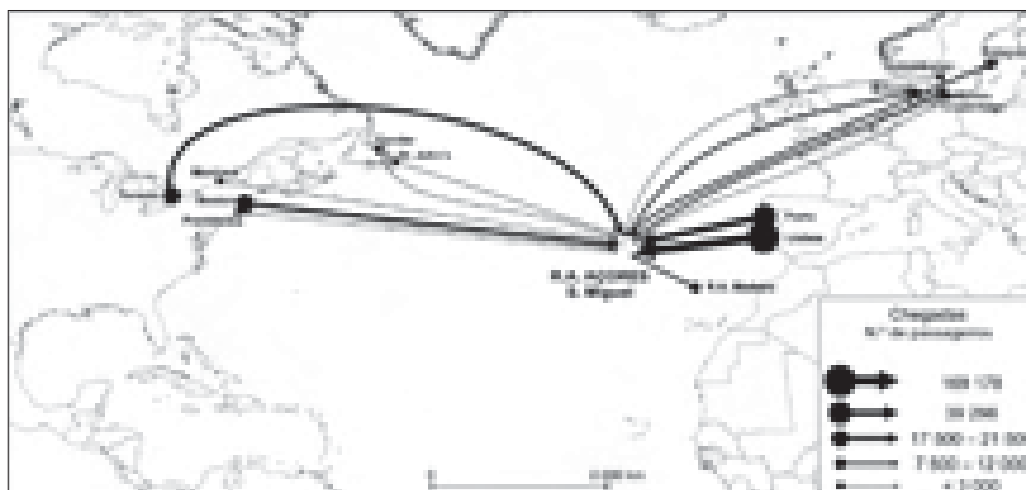
nas regiões de Toronto, Boston, Providence, Montreal, Labrador e Terra Nova, onde se localizam algumas das mais importantes comunidades açorianas na diáspora. Há por isso razão para que consideremos que se tratam de fluxos gerados sobretudo por emigrantes e descendentes de emigrantes em viagens motivadas pelo desejo de visitarem familiares e amigos nas terras de origem.

Fig. 5 – Aterragem de aeronaves no aeroporto João Paulo II (ilha de São Miguel) em 2007 – origens nacionais com 100 ou mais aterragens (excluindo voos dentro do arquipélago)



Fonte: ANA.

Fig. 6 – Passageiros desembarcados no aeroporto João Paulo II (ilha de São Miguel) em 2007 – origens nacionais com 10.000 ou mais passageiros (excluindo voos dentro do arquipélago)



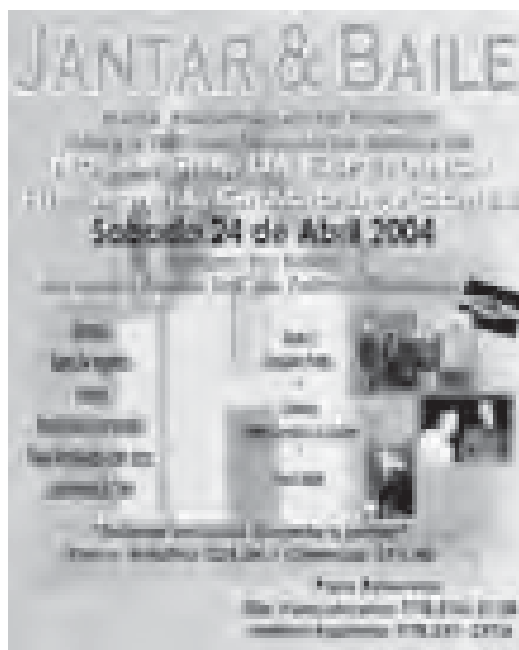
Fonte: ANA.

O considerável volume de passageiros oriundos de cidades na Dinamarca e Suécia é de outro tipo, não se enquadrando na lógica dos fluxos transnacionais a que nos estamos a referir. Relaciona-se sim com uma estratégia promocional do turismo açoriano, que tem procurado atrair visitantes da Europa nórdica durante todo o ano, uma vez que são mercados com grande interesse no turismo de natu-

reza e no turismo activo, ofertas em que os Açores se destacam. Há voos directos a partir destes dois países em todos os meses do ano e em 2007 chegaram perto de 17 mil visitantes da Dinamarca e mais de 12 mil da Suécia¹⁷, tornando esta região da Europa a principal emissora de fluxos turísticos para o arquipélago¹⁸.

Os laços entre a diáspora e o país de origem mantêm-se não só através das viagens dos emigrantes, mas também pela organização de eventos nos países de acolhimento com o intuito de angariar fundos para obras ou instituições na terra natal. Como é referido no relatório da Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais, “as associações da terra natal e as organizações da diáspora podem ter um papel importante na recolha e transferência colectiva das remessas enviadas para os locais de origem, as quais podem ser utilizadas para projectos infra-estruturais e outros que tragam benefícios a toda a comunidade” (2005, p.27). Festas e jantares, seguidas de leilões e recolha de donativos, são frequentes entre as colectividades de emigrantes açorianos e seus descendentes para patrocínio de melhoramentos em igrejas e impérios do Divino Espírito Santo

Fig. 7 – Cartaz alusivo a um evento para angariação de fundos em Peabody (Massachusetts, EUA) a serem aplicados na reconstrução de uma igreja na ilha Graciosa



Fonte: http://galeriacores2.multiply.com/photos/album/138/Graciosa_e_EUA#12

e aquisição de instrumentos musicais para as sociedades filarmónicas das ilhas (Fig. 7). Estas manifestações de transnacionalismo social, ou cultural na designação de alguns autores, entre as comunidades de origem açoriana radicadas na América do Norte são reforçadas pela reprodução de festividades de carácter religioso típicas dos Açores em cidades e condados da Califórnia, como o *Bodo de Leite* ou a *Nossa Senhora dos Milagres* (Gustine, Half Moon Bay, Salinas, San José, San Leandro), as *Festas do Divino Espírito Santo*, do *Senhor Santo Cristo dos Milagres*, *Nossa Senhora da Luz* ou do *Senhor da Pedra* na Costa Leste dos EUA (Fall River) e do Canadá (Toronto) Figs. 8, 9 e 10.

17 Para além dos cidadãos dinamarqueses e suecos, chegaram em 2007, através de voos directos da Escandinávia, 8 mil visitantes da Finlândia e 4 mil da Noruega.

18 Em 2006, o Governo Regional atribuiu uma avultada verba à Associação de Turismo dos Açores para acções promocionais no mercado internacional. A companhia aérea regional (SATA) iniciou novos voos regulares para a Suécia entre Outubro e Março (Notas Informativas do Governo Regional, 6 de Novembro de 2006; <http://www.azores.gov.pt/Portal/pt/entidades/pgra-gacs/noticias>).

Fig. 8 – Festas do Bodo de Leite em Gustine, (Califórnia, EUA), 2002



Fonte: <http://www.members.tripod.com/~KathrynMaffei/index-19.html>.

Fig. 9 – Grandes Festas do Divino Espírito Santo, (Fall River, Massachusetts, EUA), 2005



Fonte: http://www.picoazores.com/destaques/espírito_santo_fall_river.php.

Fig. 10 – Festividades da Nossa Sra. da Luz, (Toronto, Canadá), 2007



Fonte: http://galeriacores2.multiply.com/photos/album/157/Nossa_Senhora_da_Luz_em_Toronto#47.

Para além da importante componente religiosa das celebrações (missa, procissão, novenas, oração do terço, bênção de animais e alimentos), que contam com a participação de párocos locais e de sacerdotes vindos expressamente dos Açores, as actividades lúdicas que lhes estão associadas, nomeadamente espectáculos de música e dança, permitem trazer até junto dos emigrantes açorianos artistas, bandas filarmónicas e personalidades populares nas ilhas. As celebrações mantêm-se porque têm significado identitário para os emigrantes e o seu carácter flexível permite acompanhar as necessidades contemporâneas das comunidades emigradas (Salvador, 1981). São organizadas por várias Irmandades do Divino Espírito Santo (IDES), associações recreativas, sociedades fraternais, paróquias e clubes, à semelhança do que acontece nos Açores, com uma participação muito activa dos membros e um grande envolvimento da comunidade emigrada.

As festas são amplamente anunciadas nos meios de comunicação social das diversas comunidades e divulgadas em *fora on-line* de discussão e partilha de informação geridos por emigrantes portugueses e luso-descendentes residentes em Toronto, Nova Inglaterra e Califórnia, mas igualmente nos Açores. Estações de rádio e de televisão, jornais e sítios da internet promovem os eventos, contribuindo deste modo para reforçar as ligações entre a diáspora e as ilhas de origem. Em Toronto, existem duas estações locais de televisão com programação dedicada às minorias linguísticas residentes na região, e estações de rádio com oferta multicultural diversificada, tal como em Fall River e New Bedford (Bloemraad, 2009). Os modernos *media* e as indústrias culturais assumem assim um papel de grande relevância na produção de fluxos de informação, mantendo as comunidades de origem e de destino ligadas em rede, e reforçando deste modo os laços transnacionais.

Considerações finais

Muita da teoria social actual relacionada com as mobilidades, nomeadamente muito do que se prende com os conceitos de transnacionalidade, diáspora e hibridismo, deve a sua teorização original a autores que trabalharam intensivamente sobre as Caraíbas e as suas populações (por exemplo, Hall, 1990; Thomas-Hope, 1992; Olwig, 1993). Uma explicação que muitas vezes se adianta para tal é o facto das mobilidades fazerem desde há muito parte integrante do modo de vida das Caraíbas e de este ter sido por isso ao longo da história um espaço privilegiado de contacto de culturas gerado pelos movimentos de pessoas e mercadorias. Contudo, aquilo que se observa nas Caraíbas verifica-se



também, em maior ou menor grau, noutros espaços insulares, uma vez que as ilhas parecem ser, devido à sua focalidade, territórios particularmente propensos a participarem em redes de circulação de pessoas, mercadorias e ideias.

Ao longo das páginas anteriores, procurámos mostrar que os Açores partilham deste mundo de relações e estão integrados num espaço-rede transnacional que transcende a escala do arquipélago e se estende às duas fachadas do Atlântico. Até há alguns anos atrás, a coerência desse espaço transnacional devia-se em larga medida, se não até no essencial, aos fluxos financeiros que uniam as comunidades locais e na diáspora, na forma das remessas dos emigrantes. Hoje, essa dimensão das práticas transnacionais é aparentemente menos importante. Em contrapartida, graças à evolução do sector dos transportes e das telecomunicações, ao embaratecimento e à banalização das viagens aéreas, ao telefone e televisão por satélite e à Internet, parecem ter ganho relevância outras dimensões do transnacionalismo, relacionadas mais com o plano das sociabilidades e das práticas culturais. O contacto entre as comunidades locais e da diáspora é estreito e intenso, e isso ajuda a solidarizar umas e outras e a desenvolver um sentido de pertença transnacional que está na base do próprio conceito de diáspora.

Referências Bibliográficas

- Baldacchino, G. (2005), "Islands – objects of representation", *Geografiska Annaler B*, 87: 247-251.
- Bernardie-Tahir, N. (2005), "Des «bouts du monde» à quelques heures: l'illusion de l'isolement dans les petites îles touristiques", *Annales de Géographie*, 622 : 362-282.
- Bertram, G. & Watters, R. (1985), "The MIRAB economy in South Pacific Microstates", *Pacific Viewpoint*, 26 (3): 497-520.
- Bloemraad, I. (2009), "Invisible no more? Citizenship and politics among Portuguese Canadians", in C. Teixeira e V. Da Rosa (Eds.), *The Portuguese in Canada: diasporic challenges and adjustment*, 2ª edição. Toronto: University of Toronto Press. Pp.161-188.
- Boyd, M. & Yiu, J. (sem data), Ties that bind or ties that wane? Transnational practices across immigrant generations. Disponível em http://www.wallacademic.com//meta/p_mla_apa_research_citation/1/8/4/1/3/pages184132/p184132-1.php
- Brito Henriques, E. (2009), *Distância e Conexão. Insularidade, Relações Culturais e Sentido de Lugar no Espaço da Macaronésia*. Angra do Heroísmo, Instituto Açoriano de Cultura.
- Castles, S. (2005), *Globalização, transnacionalismo e novos fluxos migratórios. Dos trabalhadores convidados às migrações globais*. Lisboa: Fim de Século.
- Comissão Mundial sobre as Migrações Internacionais (2005), *As migrações num mundo interligado: novas linhas de acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Connell, J. (2007), "Island migration", in G. Baldacchino (Ed.), *A World of Islands. An Island Studies Reader*. Charlottetown: Institute of Island Studies. Pp. 455-482.
- Direcção Geral das Comunidades (2009), *Emigração Açoriana. Estatística*. Horta, Presidência do Governo.
- Faist, T. (2000), *The volume and dynamics of international migration and transnational social spaces*. Oxford: Clarendon Press.
- Fonseca, M. L. (1994), "A Ilha de S. Jorge – demografia de um território em transformação", in *Um outro olhar – Velas 1994*. Câmara Municipal das Velas. Pp. 29-32.
- Hawkins, F. (1988), *Canada and immigration: public policy and public concern*, 2nd edition. Kingston: McGill-Queen's University Press.
- Hawkins, F. (1977), "Canadian immigration: a new law and a new approach to management", *International Migration Review*, 11 (1): 77-93.
- Hall, S. (1990), "Cultural identity and diaspora", in J. Rutherford (Ed.), *Identity: Community, Culture, Difference*. Londres: Lawrence & Wishart. Pp. 222-237.
- Hay, P. (2006), "A phenomenology of islands", *Island Studies Journal*, 1: 19-42.
- Itzigsohn, J. (2008), Beyond the island. The transnational boundaries of Dominican society. Apresentação proferida na Conferência *Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares*, Angra do Heroísmo, Açores, 29 e 30 de Maio. Disponível em <http://www.ceg.ul.pt/mcm/PowerPoint%20-%20Jose%20Itzigsohn.pdf>
- Itzigsohn, J.; Dore Cabral, C.; Hernández Medina, E. & Vázquez, O. (1999), "Mapping Dominican transnationalism: narrow and broad transnational practices", *Ethnic and Racial Studies*, 22 (2): 316-339.
- Levitt, P. (2004), "Transnational migrants: when 'home' means more than one country", *Migration Fundamentals*, October. Washington, D.C.: Migration Policy Institute. Disponível em <http://www.migrationinformation.org/Feature/display.cfm?id=261>
- Levitt, P. & Nyberg-Sørensen, N. (2004), *The transnational turn in migration studies*, Global Migration Perspectives, No. 6, October. Geneva: Global Commission on International Migration. Disponível em <http://www.gcim.org/gmp/Global%20Migration%20Perspectives%20No%206.pdf>
- Malheiros, J. (2001), *Arquipélagos migratórios: transnacionalismo e inovação*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Lisboa. (Policopiado)
- Martin, P. & Midgley, E. (1999), "Immigration to the United States", *Population Bulletin*, 54 (2), June. Washington D.C.: Population Reference Bureau.
- Medeiros, C. A. (2005), "Primórdios da evolução do país. A expansão marítima e os seus reflexos", in C. A. Medeiros (Coord.), *Geografia de Portugal*, Volume II. Lisboa: Círculo de Leitores. Pp. 18-45.
- Olwig, K. F. (1993), *Global culture, island identity*. Filadélfia: PA, Harwood.
- Portes, A. (2006), *Estudos sobre as migrações contemporâneas. Transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração*. Lisboa: Fim de Século.

- Portes, A. (1999), "Immigration theory for a new century: some problems and opportunities", in C. Hirschman, P. Kasinitz e J. DeWind (Eds.), *The handbook of international migration. The American experience*. New York: The Russell Sage Foundation. Pp. 21-33.
- Portes, A.; Guarnizo, L. E. & Landolt, P. (1999), "The study of transnationalism: pitfalls and promise of an emergent research field", *Ethnic and Racial Studies*, 22 (2): 217-237.
- Ribeiro de Medeiros, O. & Madeira, A. (2004), *Emigração e regresso no concelho de Nordeste*. Ponta Delgada: Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores.
- Ribeiro de Medeiros, O. & Madeira, A. (2003) – *Emigração e regresso no concelho da Povoação*. Ponta Delgada, Centro de Estudos Sociais, Universidade dos Açores.
- Rocha, G.; Rodrigues, J.; Madeira, A. & Monteiro, A. (2006), "O arquipélago dos Açores como região de fronteira", *Arquipélago – História*, Volumes IX-X, 2005-2006, pp.105-140. Disponível em http://www.comunidadesacorianas.org/artigo.php?id_artigo=17&idioma=PT
- Royle, S. (2001), *A Geography of Islands. Small Islands Insularity*. London: Routledge.
- Salvador, M. L. (1981), *Portuguese religious celebrations in the Azores and California*. Oakland: The Oakland Museum.
- Santos, R. L. (1995), *Azoreans to California: a history of migration and settlement*. Denair: Alley-Cass Publications. Disponível em <http://www.wlibrary.csustan.edu/bsantos/azorean.html>.
- Silva, J. P. (1996), *Portugueses no Havai: séculos XIX e XX. Da imigração à aculturação*. Ponta Delgada: Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas.
- Sklair, L. (1998), Transnational practices and the analysis of the global system. Apresentação realizada no seminário *Transnational Communities Programme*, 22 Maio, 1988. Disponível em <http://www.transcomm.ox.ac.uk/working%20papers/sklair.pdf>
- Teixeira, C. (2009), "The Portuguese in British Columbia: the orchadists of the Okanagan Valley", in C. Teixeira e V. Da Rosa (Eds.), *The Portuguese in Canada: diasporic challenges and adjustment*, 2ª edição. Toronto, University of Toronto Press. Pp. 226-252.
- Teixeira, C. & Da Rosa, V. (2009), "A historical and geographical perspective", in C. Teixeira e V. Da Rosa (Eds.), *The Portuguese in Canada: diasporic challenges and adjustment*, 2ª edição. Toronto, University of Toronto Press. Pp. 3-17.
- The World Bank (2006), *Global economic prospects. Economic implications of remittances and migration*. Washington, D.C.: The International Bank for Reconstruction and Development. The World Bank. Disponível em http://www-wds.worldbank.org/servlet/WDSContentServer/WDSP/IB/2005/11/14/000112742_20051114174928/Rendered/PDF/343200GEP02006.pdf
- Thomas-Hope, E. (1992), *Explanation in Caribbean migration: perception and the image*. London: Macmillan.
- United Nations (2006), *Globalization and interdependence: international migration and development*, Report of the Secretary General. New York: United Nations General Assembly A/60/871. Disponível em <http://daccessdds.un.org/doc/UNDOC/GEN/N06/353/54/PDF/N0635354.pdf?OpenElement>
- Vertovec, S. (2009), *Transnationalism*. Oxford: Routledge.

- Vertovec, S. (2001), *Transnational challenges to the "new multiculturalism"*. Working Paper WPTC-01-06, comunicação apresentada na conferência da Association of Social Anthropologists, University of Sussex, 30 Março-2 Abril, 23 páginas. Disponível em <http://www.transcomm.ox.ac.uk/working%20papers/WPTC-2K-06%20Vertovec.pdf>
- William, A. & Fonseca, M. L. (1999), "The Azores: between Europe and North America", in R. King e J. Connell (Eds.), *Small worlds, global lives: islands and migration*. London: Pinter. Pp. 55-76.